

ENTREVISTA: MANOEL CORREIA DE ANDRADE

Manoel Correia de Oliveira Andra de nasceu em Pernambuco, em 1922. Teve sua principal formação universitária em Recife e estudou posteriormente na França. Foi professor titular na Universidade Católica, Catedrático da Universidade Federal de Pernambuco e lecionou em outras importantes instituições de ensino superior. Prestou importantes serviços na fundação dos mestrados de Economia e Geografia da UFPE. Em 1963-64 dirigiu o Grupo Executivo de Produção de Alimentos (GEPa) e foi membro do Conselho Estadual de Educação no Estado de Pernambuco durante o Governo de Miguel Arraes. Participou de cursos, congressos, seminários internacionais e pesquisas em instituições públicas e privadas. Já foi Presidente e Vice-Presidente da AGB respectivamente entre 1961-62 e 1970-72. Atualmente é diretor do Centro de Estudos de História Brasileira da Fundação Joaquim Nabuco.

No momento estuda com maior dedicação a espistemologia e a história do Pensamento Geográfico. Todavia, a problemática nordestina é o grande tema de sua produção científica.

O objetivo principal desta exposição é traçar um perfil biográfico da formação de Manuel Correia como escritor, preocupado em produzir suas obras no contexto das ciências sociais, e que se propõe a dar mais informações e for

necer uma interpretação mais coerente da realidade.

Primeiramente gostaríamos que falasse da fase inicial de sua produção intelectual:

M.C.A - Do ponto de vista biográfico, minha formação não foi marcada inicialmente pela Geografia, foi pela advocacia. Fiz o curso de Direito e conjuntamente, o de Geografia e História. Advoguei por 5 anos e paralelamente já lecionava; isto foi nos anos 1946/50. Eu era especializado em advocacia trabalhista e prestei serviços a alguns sindicatos operários. Defendi o Sindicato dos Ferroviários num dissídio coletivo perante o TST no Rio de Janeiro, então, a capital do País.

A partir dos anos 50, meu afastamento da advocacia levou a dedicar-me ao trabalho em Geografia e História.

De 1944 a 51 fui professor de ensino médio em colégios particulares, tanto de História como de Geografia. Em 1952, entrei na UFPE como professor assistente de Geografia Física. A experiência que tive, trabalhando 10 anos nesta área, foi de grande importância, pois adquiri melhores bases de conhecimento da Geografia, de sua preocupação com a natureza. Mas a minha formação de Direito e as minhas preocupações filosóficas, que adquiri na Faculdade de Direito, me levaram sempre à observação do meio natural em função de sua utilização pelo homem, o que objetivamente não me conduziria a um determinismo geográfico, por exemplo. Em 1953, comecei a lecionar na Universidade Católica e no Ginásio Pernambucano.

Comecei a escrever a partir de 1943/45 artigos de menor expressão e passei a produzir trabalhos que consi

Participaram como entrevistadores os geógrafos Heinz Dieter Heidemann, professor do Departamento de Geografia da UFS e João Phelipe Santiago, professor da UESB e mestrando em Geografia da UFPE.

dero científicos, a partir de 1952/1958 quando me tornei professor assistente da UFPE.

Os primeiros trabalhos eram de Geografia Física, como estudos sobre a "Serra de Ororobá" em 1955; foram estudos sobre o bordo oriental da Borborema e depois de 1958 escrevi minha tese para professor catedrático do Ginásio Pernambucano, que é um estudo de Geografia Regional: "O Vale do Sirijó", no qual a base física ocupava um espaço muito grande. Daí, evolui para "A pecuária no Agreste Pernambucano", onde abordo a problemática humana, que foi escrita em 1961 para obter o título de Doutor e ocupar o lugar de professor catedrático da Universidade, que já é uma tese de Geografia Econômica, consequência das preocupações desenvolvidas por lecionar, a partir de 58, a cadeira de Geografia Econômica na Faculdade de Ciências Econômicas. Este trabalho reúne preocupações adquiridas no contato com economistas, além dos conhecimentos trazidos do Curso de Direito e ensino a nível médio de História. Nesse período, a meu ver, iniciou minha base de geógrafo.

Quando você começou a escrever livros didáticos?

M.C.A - Em 1952, a convite de um colega meu, professor Hilton Sette, que tinha feito contato com a Editora do Brasil S/A para fazer uma série de 7 livros didáticos; 4 para o ginásio e 3 para o colégio, conforme a programação oficial brasileira, que era, naquela época, uniforme para todo o Brasil. O professor Hilton achou muito trabalho e, assim, associei-me a ele e nós escrevemos esses 7 livros didáticos que ficaram em uso por mais de uma década. Nessa época eu exercia a profissão de professor do ensino médio e de ensino superior, comecei em colégios particulares e, depois, apenas no Ginásio Pernambucano, na Universidade Católica e na Universidade Federal.

Atualmente suas obras didáticas tem perdido espaço nos colégios de 1ª e 2ª graus, principalmente das capitais. Como avalia esta questão hoje? E, como avalia o mercado regional e nacional dos seus livros didáticos?

M.C.A - Os trabalhos de Melhem Adas e Vesentini por exemplo, muito adotados, surgiram 20 anos depois do meu. Meu livro é escrito em colaboração com Hilton Sette, que ficou cego na década de 60, não podendo dar novas contribuições ao livro e eu, preocupando-me com o concurso. Esses fatos fizeram com que o livro fosse desativado em 68 e

69. Eles saíram do mercado.

Assim outros autores conquistaram o espaço, passei mais a me interessar por livros de ensino superior e, escrevi o livro de "Geografia Econômica" que é adotado no Brasil inteiro, com uma tiragem média de 8 a 10 mil exemplares por ano, muita coisa para um livro de ensino superior. Quando este livro foi lançado em 1973, eu já tinha saído do mercado dos livros didáticos do 1º grau. E, no 2º grau continuava a "Geografia Geral".

Em 1979, 1984 e 1985 minha "Geografia Econômica" sofreu reformulações, logicamente na proporção que se vai evoluindo, pois acho a linha deste livro muito mais crítica que a do livro de Melhem Adas.

Escrevi um outro: "História Econômica e Administrativa do Brasil" voltado um pouco para o vestibular e para o ensino superior, elaborado para Editora do Brasil, que teve grande aceitação. Esta mesma editora me procurou no ano passado e me pediu para escrever um livro de Geografia Geral e do Brasil para o 2º grau. Fiz e foi editado em 3 fascículos, que comercialmente é muito bom, tal foi a sua venda: 20.000 exemplares em todo o Brasil. No tempo da Geografia Geral chegou-se a 100.000 exemplares, o que considero muito alto e que é um dos meus livros mais vendidos. Depois de 1974/75, com a doença de Hilton e minha preocupação com outras coisas, o livro encontrava-se já totalmente desatualizado, mas em 1982 ainda foram vendidos de 8 a 10 mil exemplares, quando eu pedi que a editora o tirasse do mercado, visto que estava muito defasado.

Voltei naturalmente sem a contribuição de Hilton Sette, o que aumentou as dificuldades de conquistar espaço, visto que esses espaços já estão ocupados. Acho o livro de Adas muito bom. Mas, vendendo 20.000 exemplares é profundamente animador.

Todavia, recebi propostas de uma grande editora de São Paulo quanto à transferência para ela da edição de "Geografia Geral e do Brasil" (2º Grau), de "Geografia Econômica" e "Geografia Econômica e Administrativa do Brasil"; respondi, dizendo que estava satisfeito com os atuais editores e não tinha motivo para mudar.

O livro "Geografia Econômica" está fazendo 12 anos (1973-1985), saindo a 8ª edição e cada edição com 6 a 7 tiragens, com média de 5 mil exemplares por tiragem.

Com relação ao controle das vendas, dá para se ter uma idéia, pois eles me pagam pelo número de exempla

res, São Paulo absorve 30 a 40%; o Rio de Janeiro de 25 a 30%; no resto do Brasil os livros de economia são poucos aceitos. Houve um ano, em que a cidade de São Caetano (SP) comprou mais "Geografia Econômica" do que os Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas reunidos.

Como foi sua carreira como Professor Universitário?

M.C.A - Ela começou no Departamento de Geografia em 1952. Em 1958, vai para a aposentadoria do professor Mário Melo a cadeira de Geografia Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas. Então, fui encarregado de dar esse curso como complemento da minha atividade de assistente, com uma pequena gratificação. Logo, comecei a preparar-me para disputar a cadeira que estava vaga. Fiquei nessa situação de 1958 a 62. Em 1962 fui transferido para a Faculdade de Economia ainda como professor assistente. Lá, fui promovido por lei que beneficia os professores assistentes a professor adjunto. Em 1966, defendi a tese escrita em 1961 e passei a professor catedrático, que equivale a professor titular. Continuei em Economia e nesta Faculdade im plantei o Curso de Mestrado em Economia, sendo também nomeado coordenador. Dirigi-o no período de 1970/74 e, em 1975, voltei ao Departamento de Geografia, por insistência de colegas. Planejei o mestrado de Geografia para começar em 1976, dando a ele uma orientação crítica.

Houve um conflito naquela conjuntura com relação a alguns poucos colegas perante a CAPES, problemas que não se agravaram mais, porque o Reitor Paulo Maciel, dizendo que apesar de não estar de acordo com a orientação que eu dava ao mestrado, achava que a orientação devia ser dada. Embora ele não concordasse com as idéias, achava que elas deveriam ser debatidas. Só não fui decapitado por causa do Reitor que era amigo do Ministro da Educação, Ney Braga. Quem procurou me decapitar foi o presidente da CAPES, que queria impor ao curso professores matemáticos, para preponderar a orientação quantitativa.

Este fato desagradou a muitos, que desejavam que Paulo Maciel saísse. Quando veio o professor Lafayette para o seu lugar, ainda restava um opositor na Pró-Reitoria, que era o professor Armando Souto Maior, comprometido extremamente com as oligarquias e o esquema da reação. Então, pedi demissão da direção do mestrado, fazendo ver ao nosso novo reitor, que eu não teria condições de continuar. Ele aceitou, e nomeou a professora Raquel Caldas em minha sucessão. Todavia, continuei en-

sinando no mestrado até 1984.

Também, ministrei cursos no mestrado de Sociologia e no de Economia até 1985.

Aposentei-me em março de 85, mas a Fundação Joaquim Nabuco me convidou para dirigir o Centro de Estudos de História Brasileira. Em 1986, fui convidado pela USP, por um semestre, para dar um curso, na Pós-Graduação, sobre a temática: O Nordeste e a SUDENE.

Em 1956, houve um congresso da União Geográfica Internacional (UGI) no Brasil. Quais foram as influências recebidas por você nesse congresso, como participante?

M.C.A - Fui altamente influenciado. Primeiro, porque participei como congressista, e apresentei um trabalho sobre "A Ria de Rio Formoso na costa sul de Pernambuco". Segundo, porque assisti, tive contatos e debati com os geógrafos mais importantes do mundo. Depois do congresso, a Universidade do Brasil organizou um curso de especialização "Curso de Altos Estudos Geográficos" onde fui aluno de 7 professores estrangeiros, dentre os quais, Carl Troll (Biogeografia); André Cailleux (Sedimentologia); Pierre Monbeig (Geografia Agrária Tropical); Pierre Deffontaines (Geografia da Pecuária); Orlando Ribeiro (Geografia Histórica); Edwin Raisz (Cartografia); Pierre Birot (Geomorfologia); sob a coordenação do Prof. Hilgard O'Reilly Sternberg. Este curso foi intensivo e só participaram 40 alunos (todos professores assistentes de universidades federais ou particulares). O aluno teria que fazer pelo menos 5 das 7 disciplinas oferecidas. Nós recebemos bolsas para fazer o curso. Ainda, teve excursões semanais e 2 expedientes de aulas. Tudo isso faz classificá-lo como um curso de alto nível, que sem dúvida, me influenciou muito. O professor Troll, foi a grande figura do curso, sem querer desmerecer os professores Orlando e Monbeig. O professor Troll merece destaques, pois abriu perspectivas para as preocupações dos professores posteriores sobre o problema do meio ambiente.

Você disse, que o Congresso da UGI e o Curso de Altos Estudos, no Rio, muito lhe influenciaram. Que atividades desenvolveu posteriormente nos fins da década de 50 e início da década de 60?

M.C.A - De volta do Rio, continuei nas atividades de professor e participei com Gilberto Osório de Andrade de uma série de pesquisas, no Nordeste, a respeito dos "Rios do Açúcar no Nor-

deste Oriental", das quais resultaram 4 livros: 2 do Gilberto Osório e 2 meus. O meu foi o 2º Vol. "O Rio Ma mangueira" e o 4º Vol. "Os Rios Coruripe, Jiquiá e São Miguel".

Escrevi minha tese de doutorado, ou de cátedra (como se chamava naquela época) para a Faculdade de Ciências Econômicas (não havia no Brasil e o sistema de doutorado como curso). Para obter o título de doutor inscrevia-se num concurso de livre docente ou catedrático: uma das provas era a defesa de tese, sendo aprovada receber-se-ia o título de doutor. Eu não queria simplesmente isso. Queria a cátedra que era o emprego. O título era de doutor de livre-docência. A cátedra era o cargo, a função. Nesta época, tive um concorrente, bacharel em Direito e e professor de Geografia no interior, que também, foi aprovado, em 2º lugar, teve o título de doutor, mas não o cargo. Do 2º lugar em diante, se não houvesse vaga, obtinha-se só o título. Isso foi em 1961, quando apresentei a tese. O concurso foi em 1966. Apresentava-se a tese e ficava-se esperando a realização do concurso. Houve aqueles problemas políticos e o concurso foi sendo retardado por determinado período. O governo suspendeu todos os concursos. A defesa da tese realizou-se 5 anos depois de apresentada.

Consideramos "A Terra e o Homem no Nordeste", a obra central da sua produção geográfica. Conte um pouco como foi pesquisada, produzida e como era a reação do público geográfico e do público não geográfico?

M.C.A - "A Terra e o Homem no Nordeste" foi uma pesquisa a longo prazo, porque o trabalho das minhas 2 teses e o trabalho dos Rios do Açúcar e outros artigos que escrevi, deram material que utilizei depois neste livro.

Os antecedentes desta obra, fazem parte das minhas preocupações com estudos históricos antes mesmo de lecionar na Universidade. Nesse período, fiz uma longa pesquisa sobre a Guerra dos Cabanos. Procurei estudar a área onde o Cabano lutava e, vi as ligações da aquele movimento político-militar, não só com o meio ambiente, mas, principalmente com o contexto histórico.

Nesta época eu mantinha correspondência com Caio Prado Jr., para quem eu mandava meus trabalhos. Ele me escreveu uma carta, dizendo que no Brasil se discutia muito o problema agrário, não havia estudos de base sobre o Nordeste e sobre o problema agrário no Brasil. E, como eu coletava nessa tese, dados sobre os Rios do Açúcar e na minha tese anterior sobre o Vale do Sijiri, eu era uma pessoa indicada para

escrever um livro sobre o problema agrário no Nordeste. Então, fiz o plano de "A Terra e do Homem no Nordeste", mandei para ele e concordando, sugeriu-me que o transformasse num livro. Nesse momento a pesquisa sobre este tema já estava 70% feita. Eu tinha material sobre as várias áreas do Nordeste e, também tinha estado no Maranhão a serviço da SUDENE e no Estado do Piauí. Então, juntei esse material, fiz leituras complementares e escrevi "A Terra e o Homem no NE" em mais ou menos 6 ou 7 meses. Agora, "A Terra e o Homem no NE" sofreu modificações; inicialmente eu não incluí o Maranhão e Piauí, nem o Sul da Bahia. Na 1ª edição, a área estudada vai até o paralelo de Salvador, a 2ª edição é igual à 1ª na 3ª eu já extendi até ao Maranhão, Piauí e descii até o Sul da Bahia. Nessa edição, tive um problema: eu tinha feito um livro prático, para uma luta política e tinha um outro capítulo sobre um sistema de organização dos camponeses. Quando renovei as edições, peguei as informações que achei atuais, que tinha ali e trouxe para os outros capítulos. Então na 4ª edição, em plena "Ditadura", em 79, resolvi reintegrar o capítulo, que era um retrato do que aconteceu em 64. Como ele não era bem um capítulo, a solução que encontré foi transformá-lo em anexo; daí como saiu na 4ª e, vai sair na 5ª edição. Discuti com Dennis Johnson da edição americana, porque os editores queriam que saísse com esse capítulo. Se você for ler o livro, nota-se que ele não está na seqüência.

Qual a reação do público?

M.C.A - A reação foi muito boa. A do público reacionário, foi contrária. Uns diziam que o livro era subversivo. O livro foi apreendido em 64, mas depois foi liberado; outros diziam que eu era louco porque tinha coragem de escrever aquelas coisas. Outros diziam que não tinha sido conveniente. A reação da esquerda foi muito boa, apenas Dr. Silvio Rabelo, que era professor de Psicologia aqui no Recife e conversando comigo, disse, que gostou muito do livro, mas que tinha notado o seguinte: por que eu não havia utilizado categorias marxistas? Embora, quem ler o livro chegue a essas categorias. Eu expliquei que esse livro não era um livro acadêmico, mas para um grande público. Se eu tivesse utilizado categorias marxistas, muita gente teria medo de ler por achar que eu estava fazendo um convencimento por razões ideológico-partidárias. Avaliei que aqueles escritos teriam mais penetração não utilizando essas categorias referidas. Foi o crítico que eu achei mais abalizado. Era psicólogo social. Foi professor universitário e é autor de livros sobre Farias Brito, Silvio Romero e ou

tros autores.

Os sociólogos em geral, que têm melhor formação que os geógrafos, aceitavam muito bem, tanto que o livro foi largamente utilizado no Curso de Sociologia, além de ser mais discutido, ainda hoje, pelos sociólogos do que por geógrafos.

Inclusive, no Mestrado da UFPE, o professor de Geografia Agrária, não indicava o livro. Eu não sei se hoje indica. Era como se fosse uma peste que podia comprometê-lo.

Acho que foi uma fase importante para aquele momento histórico e, quando escrevi "A Terra e o Homem no Nordeste", fui apedrejado pela maioria dos geógrafos, inclusive aqui em Pernambuco. Diziam que aquilo era um panfleto político, que não tinha interesse geográfico, outros diziam que era um livro de história, e eu respondia que não estava querendo botar uma etiqueta de geógrafo. Eu desejava estudar um problema. Tanto fiz que, quando foi traduzido para o inglês, eles ficaram surpreendidos por ter sido editado por um geógrafo e por uma editora que atuava na área de geografia. Eu fui até incitado pessoalmente por causa daquele livro. Era um livro subversivo para eles e, foi muito mais bem recebido entre economistas de esquerda, sociólogos e cientistas políticos e até historiadores do que entre os geógrafos hispano-americanos.

Paralelamente, houve uma época na UFPE onde aconteceu um escândalo, quando a professora Maria do Carmo Correia Galvão, ministrando um curso de "Geografia do Brasil", citou "A Terra e o Homem no Nordeste" na sala de aula e era proibido... houve um mal estar nesta aula. Nesta fase, anos 63 a 70/71 não se vê trabalho de geógrafo na UFPE fazendo qualquer citação de Manoel Correia de Andrade.

Você teve algum período de maior engajamento político?

M.C.A. - Eu tive uma militância política... A minha geração sofreu uma tragédia. Ela passou dos períodos longos sob ditaduras. Na minha juventude era o Estado Novo de Getúlio Vargas que foi de 1937 a 1945. Nessa época eu tinha militância política contra a ditadura. Fui inclusive preso e processado junto com alguns colegas meus e professores. Isso deu problemas, mas gerou também uma riqueza muito grande porque eu contactei no começo com o PCB na fase em que ele teve o seu período de legalidade, todavia, não concordei com os rumos do PCB muito intransigente e ditatoriais na época do stalinismo. Então, caminhei para a es-

querda democrática que deu origem ao Partido Socialista. Um partido pouco expressivo embora tenha tido muita duração. Depois participei da campanha pelo monopólio estatal do petróleo. E, mais uma série de outras campanhas populares. Tive uma vida política relativamente intensa, apesar de viver numa época em que eu dava 10 a 12 horas de aula por dia para sobreviver. Era uma época muito difícil e ainda hoje é assim com o pessoal que não tem emprego oficial.

Ainda nesse período, por causa da minha militância política e por causa da "A Terra e o Homem no Nordeste", quando Arraes foi governador de Pernambuco, me convidou para dirigir o grupo da Produção de Alimentos. Quando candidato, eu fui aproximado dele por meio de um aluno do Ginásio Pernambucano, José Fernandes, que era auxiliar dele e meu aluno e, ele me pediu informações sobre Pernambuco porque estava preocupado com problemas de abastecimento das grandes cidades de vez que havia dificuldades de abastecimento, além do problema da dinamização da pequena agricultura. Então, dei umas linhas gerais de orientação para uma política desse tipo. Depois de governador eleito, ele me convidou para participar no grupo de trabalho que fez o seu programa de administração e, esse grupo sugeriu que se criasse um grupo executivo para desenvolver uma política de assistência aos pequenos produtores. Assim, criado o grupo e, depois de ter sido empossado, me convidou para ser superintendente desse grupo e, exerci este cargo até o golpe de Estado que derrubou Arraes. Eu estava no Palácio no dia em que ele foi derrubado. Também durante algum período eu fui diretor da carteira agrícola do Bandepe mas só por dois ou três meses, fui logo substituído pelo Pe. Simões.

Não tive maior atuação como militante político, mas apoiei todas as eleições abertamente, declaradamente, assinando manifestos, participando de comício em favor das candidaturas do PMDB. Eu achei que o PMDB era uma frente única da qual deveria emergir o mundo que estava em desencontro ao governo.

Eu fiz política na Universidade, quando fui eleito e fiquei 9 anos como representante da Faculdade de Ciências Econômicas no Conselho Universitário e, aí, tive uma atitude de destaque lutando contra a reforma universitária, que foi imposta ao Brasil em 69/70 pelo acordo MEC-USAIDS. Nessa ocasião eram 36 professores membros do Conselho Universitário e, me lembro que ficamos contra a Reforma mostrando que aquilo era um embuste, que aquilo ia destruir a Universidade brasileira, que aquilo era um sistema americano que já estava em decadência nos EE.UU e ficamos, ape-

nas 3 pessoas, contra isso, pessoas que colocaram a política bem diferente; eu, a filósofa Maria do Carmo Tavares de Miranda e, um pouco mais moderado, o professor de Direito, Luis Delgado, enquanto o resto do conselho apoiava todas aquelas imposições que vinham do MEC. Inclusive eu fui avisado de que estava correndo perigo de ser outra vez preso e processado porque minhas atitudes não eram convenientes. Mas eu tomei minhas atitudes e fiz questão que constassem em ata dizendo que amanhã, se fosse escrever a história da universidade, serviria para saber quem se curvou e quem reagiu. Também fui aconselhado pessoalmente, por alguns colegas do conselho a não tomar aquelas atitudes.

Depois do golpe militar voce viajou para a França?

M.C.A - Depois do golpe militar eu respondi processo, não tendo sido condenado, indiciado, eu viajei para a França porque os professores Michel Rochefort e Pierre Monbeig, que eram meus amigos, conseguiram uma bolsa para mim pelo governo francês, para fazer um curso na área de Desenvolvimento Econômico.

Por que na área de desenvolvimento econômico?

M.C.A - Porque eu era professor de Geografia numa Faculdade de Economia. Para poder lecionar Geografia para economistas, teria que ter um certo conhecimento de economia e achei que era mais útil fazer um curso na área de Desenvolvimento Econômico do que na área específica de Geografia. Naquela época, em 1969, antes da reforma, nós tínhamos um leque muito grande de disciplinas. Contudo, escolhi as disciplinas julgadas importantes além das obrigatórias, que eram o núcleo central do curso. Por exemplo: eu fiz uma cadeira, com um professor belga, Marcel Gutelman, sobre a Reforma Agrária em Cuba, num período em que ele dava assistência ao governo cubano. Muitas vezes, suspendia o curso por 10 ou 15 dias porque ia a Cuba para dar assistência. Fiz um curso, com Boudeville, sobre Pólos de Desenvolvimento, que foi de grande utilidade, porque era uma visão mais espacial do problema do desenvolvimento.

Estes cursos na França resultaram num trabalho científico publicado no Brasil, não é verdade?

M.C.A - Quando eu voltei ao Brasil eu fui convidado para dar assessoria ao

CRAM (Centro Regional de Administração Municipal), e naquela época pouco gente conhecia a "Teoria da Polarização". Ela ainda não estava bem definida, embora o economista que dirigia a SUDENE, já falecido, Fernando Mota, tivesse grande interesse na mesma. Logo, peguei os conhecimentos que tinha adquirido de teoria da polarização, peguei os conhecimentos que tinha da área empírica da realidade brasileira e dei assessoria ao CRAM, da qual resultou o livro "Espaço, Polarização e Desenvolvimento", que foi editado primeiramente pelo CRAM, em 1967/68 e depois um curso de Geografia e Sociologia Política, mantido por uma entidade privada, dirigida por Palhares Reis, que era uma espécie de curso de Ciências Sociais e que resultou também num livro: "Geografia, Região e Desenvolvimento", onde eu analisava a política "L'aménagement du territoire" na França e em Israel.

Além da França, conheceu outros países?

M.C.A - Em viagens de estudo conheci Israel. Passei mais de 15 dias em Israel, a convite da Escola de Estudos Sociais de Tel-Aviv, participando do Seminário sobre Desenvolvimento Agrário e visitando Instituições israelenses como Kibboutzim, Mochavel, e órgãos de planejamento regional.

Fiz várias viagens quando terminei o curso, fui à Itália, passei um mês examinando a experiência da "Cassa per il Mezzogiorno"; estava preocupado com o problema do planejamento porque era a tônica maior que se dava ao Brasil e, quando cheguei aqui dei assessoria ao CRAM e ao CONDEPE, fazendo dois trabalhos criticando o Conselho Nacional de Geografia por adotar a divisão do Brasil em regiões homogêneas, que foi publicado, aqui em português, na França, em francês, no livro "La regionalisation au Brésil", publicado pela Universidade de Bordeaux e, publiquei um relatório mimeografado sobre uma análise do sistema de polarização no Estado de Pernambuco.

A partir dessas experiências no exterior, o planejamento e a questão agrária ficaram sempre presentes nos seus estudos geográficos?

M.C.A - Sim, além da Geografia, percorri três caminhos: primeiro, a preocupação com a didática da Geografia, devido a uma pretensão de querer fazer um livro didático inovador, discordando do modelo do livro didático brasileiro, que era encontrado no livro de Aroldo de Azevedo, baseado muito na Geografia clássica. Entretanto,

eu não colocava a necessidade de rompimento com a Geografia clássica, mas já procurava abrir para os problemas sociais. Segundo, o problema agrário, uma preocupação permanente até hoje, seguido das preocupações com o planejamento, da qual resultaram dois livros e alguns artigos esparsos.

Particularmente sobre a reforma agrária eu publiquei alguns trabalhos e livros: "Latifúndio e Reforma Agrária no Brasil", "Nordeste, a Reforma Agrária ainda é necessária?", "A Industrialização no Nordeste", onde abordo os problemas trazidos ao Nordeste pela Reforma Agrária, "Tradição e Mudança", sobre o planejamento espaço agrário e urbano no submédio São Francisco.

Fale sobre a formação econômica que você recebeu na Europa. O que lá era mais apresentado?

M.C.A. - Na Europa havia um leque muito amplo, com várias grandes direções. Havia uma direção clássica tradicional, de um ex-primeiro ministro da França; uma de Perroux e Boudeville, que tinha uma linha mais de planejamento, com uma certa abertura para o social; havia uma linha humanista do Padre Lebret com grande influência sobre o pessoal do 3º Mundo e havia a linha marxista, onde tive cursos com Charles Bettelheim, que é um dos grandes teóricos da economia marxista. Perroux era muito influente no Instituto de Altos Estudos da América Latina e a revista *Tiers Monde*", juntamente com outros periódicos franceses eram muito divulgados.

Em relação a Perroux as suas teorias, pode ele ser situado entre os clássicos?

M.C.A. - É difícil, mas é daquele grupo que fez Economia Espacial, Regional. Sendo que Boudeville, tinha uma maior preocupação espacial, porque era muito ligado a geógrafos e trabalhava muito com a geografia, sobretudo com geógrafos de fora. Eram economistas clássicos, sobretudo Perroux.

Smith, Ricardo tinham preocupações geográficas, sem dizer a palavra. O próprio Marx era um economista clássico e, existe muita Geografia na sua obra.

Quais foram os grandes teóricos internacionais que lhe influenciaram no decorrer dos seus trabalhos?

M.C.A. - No meu caso, cheguei a Geografia depois de bacharel em Direi

to, com a formação filosófica para o geógrafo muito boa. Na Faculdade de Direito reinava um regime didatorial mas, se discutia muitos problemas filosóficos e debatíamos as correntes principais, que eram a marxista, principal pelo número de pessoas muito atuantes; a católica que era então, muito influenciada por Jacques Maritain. Também, tinha a corrente conservadora.

Nós que tínhamos uma orientação mais ligada ao marxismo, tivemos a oportunidade de ler e estudar os seguidores de Marx, da II e III Internacional. Estudei Kautsky, como estudante de Direito. É um dos autores que ainda indico bastante sobre o problema agrário e, acompanho-o muito.

A maioria das pessoas conhecem mais a "Questão Agrária" de Kautsky, todavia ele tem uma série de livros importantes, que deveriam ser lidos para uma compreensão mais profunda. Li muitos livros do Partido Comunista Alemão, li Rosa Luxemburgo, Lenine, Trotsky, que tiveram na minha formação influência muito grande e, além de proporcionarem uma leitura gostosa, lia-se bastante no Brasil. Todavia, aqui, os autores marxistas que tinham mais influência eram Caio Prado Jr. e Nelson Werneck Sodré.

Depois, quando passei de Direito para a Geografia, me senti como um peixe fora d'água e, hoje me considero um geógrafo heterodoxo, rigorosamente não posso dizer se sou geógrafo, sou muito heterodoxo.

E, com relação aos geógrafos internacionais e as orientações teóricas da Geografia?

M.C.A. - Na Geografia, recebi uma influência muito grande, antes e depois de minha entrada na França, de Pierre George; comecei lendo-o antes de ir e isso provocou-me uma preocupação muito grande com o social. Também, recebi uma influência muito grande de Monbeig; porque ele tem uma preocupação histórica fundamental, tal qual os meus trabalhos. Tanto é que escrevi este livro sobre 1930, que é um livro de História Política. Acho o papel do Estado muito importante nas modificações, na construção do espaço, etc.

Fiquei mais identificado com geógrafos franceses, por ter estudado na França, isto me ligou muito. Era discípulo de P. George, B. Kayser e Y. La coste. Depois consegui títulos, pois cheguei à cátedra, as gerações mais novas apareceram e meus trabalhos foram sendo admitidos como geográficos.

Com relação aos contactos atuais, com os geógrafos internacionais, o in

tercâmbio principal de idéias dá-se com os franceses, tendo muito intercâmbio com o Paul Claval que conheci em 1982, quando trocamos livros, etc. Eu o introduzi no Brasil; adotando no mestrado, em 1976, sua "Evolución de la Geografía Humana". Paralelamente temos em comum a preocupação da reabilitação de Elisée Réclus; ele é um geógrafo de grande importância, por isso, fiz uma seleção de textos sobre ele, e para tal o li mais de 30 vezes. Temos que fazer uma leitura e releitura para selecionar o que a editora quer. O mesmo fiz da obra de P. George e, sugeri a Florestan Fernandes que se procurasse publicar geógrafos alemães, porque no Brasil como é ensinado, parece que existia uma Geografia alemã, que começou com Humboldt e parou, e veio uma Geografia francesa que parou, e veio uma Geografia americana; não tendo uma continuidade dialética.

Na escola francesa, por exemplo, se examinarmos dois geógrafos, Camille Vallaux e Jean Brunhes, veremos que se espelham as preocupações de Réclus. Sobre o Lacoste, Milton Santos já está preparando um livro. E inclusive andei lendo um artigo de Ratzel, que também chamou a atenção de Pasquale Petrone; com Ratzel está havendo um pouco do que houve com La Blache; um desvirtuamento do seu pensamento.

Outra preocupação é com a Geopolítica; houve no Brasil um período, em que quem falasse em Geopolítica era chamado de nazista. Como se a Geopolítica fosse condenada por Hitler tê-la usado. Entretanto, Hitler usou a Física, a Química, a Biologia e não era por isso que se ia deixar de estudar a Física, a Química, a Biologia. O que é preciso, é dar à Geopolítica uma orientação libertária em vez de orientação autoritária e, a própria Geografia é em grande parte comprometida com a reação, pelo menos no Brasil. Na França, ainda mantendo contato com o grupo de Bordeaux, que considero muito europeizante, um pouco colonista, mas tenho bons relacionamentos com eles, com Michel Philipponneau que é um geógrafo do Partido Socialista Francês e vários outros. Tenho um círculo de relações muito grande nos outros países, algumas ligações isoladas no Canadá e com alguns professores norte-americanos.

Vamos falar de outros geógrafos que estudavam o Nordeste e outros grandes trabalhos sobre o Nordeste, já que o Nordeste é o tema central dos seus estudos.

M.C.A - Grandes trabalhos, porque os meus não são grandes! Antes da década de 50 não havia nada praticamente, havia pessoas isoladas que escreviam

sobre Geografia. Fora da área compreendida com a Geografia havia alguns trabalhos interessantes, como por exemplo, em Pernambuco havia Gilberto Freyre e outros colegas seus. E, fazendo um parêntese gostaria de falar um pouco sobre uma discussão atual.

Trabalhando com o Gilberto, conversamos e expunhamos problemas em de sacordo, sobre questões ligadas à Sociologia nordestina, dentro da ótica das influências familiares, que é sua principal área de estudo. Particularmente, acho que para estudar cientificamente a Geopolítica do Nordeste há que encarar esse problema familiar. Porque no Nordeste, por maior que sejam as transformações econômicas, ainda existe muito grande influência familiar. Discuti essa questão e o coronelismo com diversos pesquisadores e acho que o coronelismo ainda domina muito no Nordeste. Chico de Oliveira não concorda comigo, todavia acho-o extraordinário e deu uma grande contríbução, mas não é infalível, visto que subestima a importância da oligarquia. Entretanto, acho que a oligarquia ainda tem uma influência muito grande.

A oligarquia não estudou Marx, mas era bastante hábil para se infiltrar nesses poderes financeiros e para dividir espaços a nível nacional. Talvez, isso não tenha tanta importância mas a nível regional, estadual e local é ela quem controla.

Jan Bitoun, do Curso de Mestrado em Geografia da UFPE, uma vez preocupado com isso, perguntou se o partido comunista vencesse no Nordeste o que iria acontecer? Eu acho que o partido comunista deve ter muito Cavalcanti de Albuquerque e Souza Leão metido nele em posições de destaque.

E, com relação a geração mais jovem?

M.C.A - Acho que no Nordeste, a criação do Curso de Mestrado em Geografia foi marcante. Porque ele abriu perspectiva para os colegas dos outros estados em relação ao conhecimento de uma bibliografia que até então não era conhecida. Há de se convir, que nos trabalhos, produtos deste curso, tem gente de peso já na nova geração. Particularmente confio muito no trabalho de José Lacerdo Alves Felipe do Rio Grande do Norte, elemento de grandes possibilidades.

Fora do Nordeste temos o Ariosvaldo Umbelino (SP), que está dando uma boa contribuição. O Manuel Seabra, aponta preocupações com transformações.

Quais os temas da Geografia do Nordeste que você acha que devem ser ainda trabalhados?

M.C.A - Do ponto de vista sentimental, gosto muito de trabalhar com a Geografia Agrária de cunho social, e estamos num momento fundamental para se fazer isso no Nordeste, visto que a agricultura nordestina transforma-se numa atividade de comércio e indústria.

Outro problema são as "Questões Urbanas", pois as cidades vêm sendo transformadas, com queda do padrão de vida da população, e tais estudos de vem ser imbuídos de certa preocupação ecológica, tomando-se o devido cuidado de não ser uma fuga, pois às vezes dá-se a conotação ecológica para engolir o social.

Nesse sentido, "O Nordeste" de Gilberto Freyre aparece como interessante, embora discorde de muitas coisas. To davia em 1937, aparece como uma grande contribuição ao problema da poluição dos cursos d'água, pelo lançamento das caldas das usinas e que ainda hoje esses problemas continuam de maneira muito grave.

Voltando, agora, ao tema central desta questão, acho que Gilberto Freyre, levando em conta a época da publicação, não em "Casa Grande e Senzala" mas, em "Nordeste", onde ele dá uma grande contribuição geográfica interessante começa a fazer relações ecológicas, embora eu não concorde com muitas das conclusões a que chegou, ele foi o primeiro que levantou os problemas ecológicos no Nordeste, fazendo um combate tremendo a certas coisas como a poluição dos cursos d'água. Ele bradava isso quando ninguém se preocupava.

Outro problema é a Geografia Política; o papel que o Estado e as oligarquias desenvolvem na produção do espaço nordestino e na sua transformação, é algo muito importante, visto que agem sem nenhum impeditivo. Por exemplo, com relação a área de praia, observa-se que aquela área de coqueiros e de lavouras de subsistência, vem sendo substituída por casas de veraneio da classe média alta e da classe alta, construindo casas confortáveis e luxuosas. Porto de Galinhas é um exemplo impressionante, para utilizarem 30 a 40 dias por ano, é um absurdo! Se desmantela uma economia de uma área para transformar em casas de veraneio.

Outro exemplo, são os projetos de transformação agrícolas, visando modernização sem nenhuma preocupação com o trabalhador, planeja-se o desenvolvimento e a modernização da pecuária através da implantação de sistemas modernos de produção de alimentos para o gado, não observando-se que esses sis-

temas vão expulsar o pequeno produtor, O progresso tem que vir, mas quando vem em interesse do rico, os trabalhadores param quando vem em interesse do pobre, não para.

Cidades à semelhança de Recife esourarão se não houver Reforma Agrária porque o meio rural está mandando gente que não têm condições de viver no campo. O papel do Estado e sua análise são as questões fundamentais.

Tenho muito medo de alguns autores que se julgam marxistas sem ter lido o Marx, muitas vezes fazem transposições mecânicas das condições que Marx estudou há 100 anos na Europa para o Brasil.

Lembro-me, de um debate na Europa quando Magalhães Godinho, historiador português, afirmou que em Portugal não houve feudalismo. E um sujeito disse que não podia, pois Portugal encontrava-se num sistema capitalista e que Marx teria dito que só se podia chegar ao capitalismo depois de passar pela comunidade primitiva e pelo feudalismo logo deve ter havido feudalismo em Portugal. Marx nunca disse isso. Os marxistas mecânicos e os tecnocratas, com formulações abstratas, não conseguem perceber a relatividade da verdade sistemática.

Voltando ao estudo da Geografia sobre o Nordeste, exponha um pouco sobre o surgimento, nesta região, dos grupos de geógrafos.

M.C.A - Até os anos 50 não havia nada, daí notabilizavam-se 2 grupos: um grupo em Pernambuco, liderado por Gilberto Osório e Mário Lacerda e um grupo na Bahia, liderado por Milton Santos.

O de Pernambuco, surgiu em 1952 quando houve a 1ª reunião da AGB no Nordeste, realizada em Campina Grande, organizada por João Dias da Silveira e Aziz Ab'Saber que eram diretores da AGB nacional; deixaram acontecer aqui uma pequena secção, e essa secção coincidiu com o crescimento da Faculdade de Filosofia onde o curso de Geografia e História na época era um só. Dois professores vieram dar cursos de férias: o prof. Francis Ruellan (Geomorfólogo) que teve grande influência na Geografia brasileira na década de 40 e o professor Ab'Saber que era um geógrafo jovem mas já com muito prestígio. Em 1961, trouxeram o professor Michel Rochefort que ficou um ano aqui e deu 2 cursos, um por semestre.

Na Bahia, o movimento começou com Milton Santos, a partir de 1956. Milton, começara antes a frequentar a AGB

mas tinha uma limitação muito grande; era professor da Faculdade Católica e ela não tinha recursos, sobretudo na quela época. Só depois de 1956, quando fez o Curso de Altos Estudos Geográficos no Rio, com mais 3 geógrafos baianos, Dalmo Pontual, Nilda Pereira de Macedo e Ana Carvalho, adquiriu logo um trânsito internacional, trazendo o professor Tricart à Bahia, que trabalhou com Tereza Cardoso da Silva e trouxe o professor Juliard e uma série de outros professores, inclusive paulistas.

Assim, estes dois grupos principais fizeram um trabalho intenso, em consequência dessas presidências nordestinas, pois criaram núcleos nesses Estados.

Nos outros Estados, formaram-se grupos menos expressivos. No Ceará, já depois de 64/65 surgiu um pequeno grupo liderado por Amélia Nogueira Moreira. No Rio Grande do Norte, acho que só começou a se dinamizar depois da criação dos cursos de mestrado. Na Paraíba, houve na década de 60 um esforço muito grande; trouxeram Mariano Feio e depois Nilo Bernardes, que tentaram fazer um mapa da Paraíba. Em Alagoas, a coisa se dinamizou um pouco depois da ida de Ivan Lima, que é mais geólogo. Em Sergipe, fiz contato com a AGB, encontrando Alexandre Diniz, ainda estudante e Presidente do Diretório, que posteriormente deu boa dinamização à Geografia. No Piauí e Maranhão sem querer desmerecer, acho que a coisa ainda está por ser dinamizada.

Em 1954, o professor Mario Lacerda foi eleito presidente da AGB e realizou um congresso em Garanhuns. Em 1956, foi eleito Gilberto Osório, com muita grande apoio da família Rosado. Em 1961, fui eleito Presidente da AGB, no Paraná, e fiz o congresso em Penedo, Alagoas, mas já havia no grupo pernambucano uma certa cisão.

Em Mossoró, consegui que Gilberto Osório realizasse durante a AGB um Seminário sobre a Questão Agrária, que foi coordenado por mim, dando um sentido muito social, agradando o grupo dos geógrafos mais jovens, mas desagradando à cúpula.

Em 1962, quando planejei o Congresso em Penedo, organizei um Seminário de Geografia e Planejamento, presidido por Orlando Valverde, que provocou a ida para a reunião da AGB de Celso Furtado, Superintendente da SUDENE, com toda a sua equipe.

Outro impacto na época, foi a vinda de Caio Prado Jr, homem muito inteligente, um dos líderes do P. C. Brasileiro, que teve uma participação muito ativa.

O sistema presidencial na AGB sempre teve uma influência maior e conseguiu excursões sempre consideradas críticas. Um dos trabalhos foi a rizicultura do Baixo S. Francisco, uma das zonas de maior exploração do trabalhador agrícola naquele tempo. Hoje a CODEVASF afastou aquele povo.

Organizei uma pesquisa em Arapiraca, cidade de alta periculosidade, na qual havia muitos assassinatos, quase diariamente. A turma da AGB dizia que quem fosse para Arapiraca tinha que fazer seguro de vida antes.

Há um pesquisador de Geografia que você ainda não mencionou: Josué de Castro. Você valoriza o trabalho dele?

M.C.A - Valorizo muito. Conheci Josué de Castro mais como político e fui seu eleitor em várias eleições. Josué não era um pesquisador da Geografia do Nordeste. Aqui ele foi Médico e viajou para o Rio, onde se integrou à Geografia e fez trabalhos geográficos que acho da maior importância. Entretanto, era muito combatido, devido sua posição política de esquerda. Não era do PC declaradamente, todavia, não só os geógrafos pernambucanos como do Brasil inteiro colocavam ele numa posição de esquerda e puseram-no na berlinda. Sobretudo, sua contribuição em "Geografia da Fome" e "Geopolítica da Fome" são extraordinários porque chamam a atenção à miséria existente.

Dava-me bem com Josué, fiz contato com ele na França, onde ele deu um curso no qual participei. Freqüentei sua casa e sua contribuição foi muito grande à Geografia brasileira. Todavia, é muito injustificado. Porque em geral os geógrafos brasileiros são mais conservadores que reformistas, todos da geração de mais de 40 anos. Josué foi abandonado. Houve na geração mais nova uma tentativa de recuperação de sua obra, tendo dois artigos publicados sobre ele no livro "Geografia, Ciência e Cultura".

Por isso tudo, coloquei Josué no tema "Geografia Combatente", que deveria ser uma Geografia engajada, comprometida com as transformações da sociedade, que no meu entender também produziu outro grande nome que é o de Orlando Valverde, nesta geração mais velha, homem de posições políticas avançadas desde a década de 40.

Sobre esta questão geopolítica, que obras você produziu envolvendo essa temática?

M.C.A - Publiquei um livro "Poder

Político e Produção do Espaço", que é uma coleção de artigos. E, um pouco, abordo em "Tradição e Mudança", quando eu mostro que a CODEVASF foi transformada para servir o interesse dos grandes grupos econômicos. Todavia, confesso que estou dando os primeiros passos nesta área... tenho lido, analisado e produzido artigos gerais ou empíricos.

Você sempre defendeu a unidade da Geografia Física e Humana. Como situa as bases teóricas da Geografia para poder defender essa posição ou argumentar contra os divisores da Geografia?

M.C.A. - Toda ciência é física e humana ao mesmo tempo. A Antropologia e a Geografia por exemplo tem aspectos humanos e físicos, se bem que na Geografia o ponto central é o tipo de espaço produzido e a produção não é o término, há sempre a reprodução; isso é assim entre natureza e sociedade, entre sociedade e natureza. Se eu fosse publicar novamente "A Terra e o Homem no Nordeste", chama-lo-ia "O Homem e a Terra no Nordeste", isso é genial em Réclus; seu livro é "L'Homme et la Terre".

As relações no espaço são comanda das pelo homem. Este adapta-se ao meio natural, desde as estações primitivas. A proporção que vai evoluindo, aumenta seu poder de transformação do meio, dos seus interesses, dos seus objetivos.

Nesse sentido como voce baliza a noção do objeto da Geografia?

M.C.A. - A Geografia tem que ter uma visão que compreenda sobretudo a ação do homem sobre a natureza e as transformações que ele faz na natureza, produzindo o espaço organizado, pois, tem uma precisão de conhecer a natureza. O estudo da Geografia Física é um aspecto da Geografia. Todavia, a Geografia Social deve ser comandada pelo social e deve ter uma visão global do problema, de como o espaço se organiza e se transforma. Paralelamente, os geomorfólogos que aprofundam-se nos detalhes da morfologia, são geomorfólogos e não geógrafos. Quem estuda as relações sociais, no bom sentido, é um sociólogo e não um geógrafo.

Como voce situa o papel social do geógrafo?

M.C.A. - Por exemplo: o Réclus, cum priu um grandioso papel ao juntar os aspectos físicos aos humanos. Ele era

um militante político. Isso ao meu ver é o que falta no geógrafo brasileiro, que se encontra entre os muros da academia.

O geógrafo tem que ser primeiro cidadão e depois cientista, consequentemente estará sendo político. Do lado do direito existem muitos geógrafos empregados, ocupando cargos nos governos, naturalmente compactuando com suas idéias.

Com relação a participação na imprensa, a situação da Geografia é triste. Os sociólogos, advogados, cientistas políticos, participam muito mais que os geógrafos.

O que acha do desenvolvimento da discussão teórica dentro da Geografia no Nordeste e no Brasil. Sempre se fala da influência francesa, alemã, americana na Geografia brasileira. Você acha que a Geografia brasileira está chegando do num ponto em que está desenvolvendo as suas próprias idéias.

M.C.A. - Em 1972, no Congresso da AGB em Belém do Pará, dois grupos se degladiavam: um ligado à influência francesa e outro ligado à norte-americana (naquela época dizia-se saxônica, naturalmente para camuflar o problema do imperialismo). Disse, que a Geografia brasileira já devia ter maioridade, e todavia, já existiam trabalhos de geógrafos brasileiros que já indicavam uma certa independência.

É claro, que não podemos e não devemos isolar a Geografia brasileira da mundial. Temos que ter influências e exercer influências. Todavia, acho que sou da geração chamada francesa, pois, fui aluno de professores franceses, estudei na França, mas não me considero francês como geógrafo, embora tenha recebido esta influência, ela foi amenizada devido a minha formação como estudioso de problemas sociais, como militante político e como estudante de Direito.

Devemos partir para uma independência, por isso combatíamos o grupo norte-americano, que queria aplicar ao Brasil modelos estrangeiros.

Lembro-me, que numa reunião no Rio de Janeiro promovida pelo IBGE, em que uma geógrafa desta instituição propôs a aplicação de um modelo, para me dizer a importância das cidades, que havia sido aplicado com grande sucesso na Finlândia. Levantei-me e disse: não conheço o modelo e talvez seja um absurdo, mas não estou interessado em conhecê-lo; se ele foi aplicado na Finlândia com sucesso e se quer aplicá-lo no Brasil com as mesmas variáveis. Se der certo, está errado.

Era uma preocupação muito grande da escola matemática (quantitativa), de introduzir modelos estrangeiros no Brasil, que muitas vezes não se acomodava com a nossa realidade. E, podem me dizer: você tentou aplicar a teoria de Perroux? Tentei não aplicá-la, mas adaptá-la. É uma diferença muito grande. Não usei todas as variáveis, só apliquei as que eram coerentes. Não usei a análise fatorial, para não dar um sentido matematicista. Lembro-me, que uma das coisas que os quantitativistas davam importância era as chamadas telefônicas e naquela época, aqui, não havia DDD. Como você poderia aplicar este critério no Brasil?

Achamos que temos que dar um espaço para falar dos seus planos

M.C.A - Meu pensamento desenvolveu-se basicamente aprofundando as questões referentes ao problema agrário, ao planejamento e à educação. Passei a ter uma preocupação maior com o problema da "teoria geográfica".

Confesso que estou encerrando a minha carreira, 63 anos, 4 pontes de safena, perna quebrada, agora remendada.

Estou com 2 planos, que considero importantes até o fim da vida: minha atuação na Fundação Joaquim Nabuco, on

de dirijo um Centro de Estudos Históricos, conseguindo localizar a atuação desse centro no que chamo de História recente. Quero estudar a História de 1970 e 1980 que a meu ver tem muito de Geografia, visto que Marx dizia que, a Ciência é História, e sendo assim, pretendo desenvolvê-la. Em segundo lugar, estou muito satisfeito com o convite da USP, pois fui criado numa geração em que a USP era considerada a maior Universidade do Brasil. Vou escolher a SUDENE e o desenvolvimento do Nordeste, como objetivo principal para os debates com os paulistas. Os paulistas de direita ou esquerda têm um certo preconceito a respeito do Nordeste. "O Norte". Ademais, é uma ocasião para repensar a SUDENE, que foi uma criação que eu vi nascer e crescer. Hoje é um momento de grandes discussões filosóficas, empíricas, em todos os sentidos. Terei oportunidade de conviver com Milton Santos, Antônio Carlos, que são grandes esperanças do futuro da Geografia brasileira, como o próprio Armando Correia da Silva.

É uma oportunidade que tenho de me reciclar embora esteja com mais de 60 anos. Mas pretendo, afora este curso da USP, me dedicar à pesquisa mais propriamente do que ao ensino, embora admita cursos esporádicos, sem ser permanentemente em qualquer Universidade, caso ache que seja compensador.